



Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão – LABRE-RJ DIRETORIA EXECUTIVA

Entidade de Utilidade Pública Estadual, Reconhecida pelo Ministério das Comunicações
Estação Oficial: PY1AA

Membro da International Amateur Radio Union – IARU – Region II
Praça Cruz Vermelha, 10 – Centro – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 20120-230.



PORQUE FALHARAM AS COMUNICAÇÕES EM PEDROGÃO GRANDE?



Porque arderam as linhas de alimentação em pelo menos uma TBS (TETRA base station) (estação retransmissora SIRESP) e as baterias não têm autonomia por falta de manutenção, ficou precocemente inoperativa;

O fato de alegadamente terem ardido linhas de dados que asseguram a ligação de dados entre TBS e servidor, mas sobre isto nem me vou alongar por esta via, explicarei em pormenor pessoalmente a quem interesse na estrutura;

Porque não existem redundâncias ao SIRESP que foram aparentemente pagas mas não instaladas;

No domingo de manhã chegou ao terreno pouco passava das 5 horas, uma viatura da SIRESP S.A., alegadamente a única que está operacional, apesar de recentemente a ANPC ter adquirido duas pick-up com semelhante missão. A viatura foi colocada num local que somente possibilitava garantir pouco mais de 1/3 da cobertura dos teatros de operações;

Os terminais SIRESP portáteis estão equipados com antena helicoidal encurtada para proporcionar mais comodidade no seu transporte, antenas essas que somente se adequam ao meio urbano. Enviar pessoas com rádios com aquelas antenas encurtadas e não de quarto de onda completo, para incêndios florestais onde há reduzida cobertura, é logo à partida enviá-las para a possibilidade de morte;

O número de canais disponíveis no local somente possibilitaria assegurar uma rede estratégica, contudo como os operadores ignoram os aspetos técnicos do sistema TETRA, começaram por atribuir logo à partida mais talk groups do que aqueles que face ao volume de tráfego expectável o sistema poderia suportar, tendo saturado todas as slot's dos canais disponíveis no local;

O fato de se ter deixado de fazer manutenção nos rádios portáteis de VHF banda alta, nomeadamente a substituição de baterias já sem autonomia, levou a que se sobrecarregasse uma rede SIRESP com características somente adequadas à estratégia e alta-direção, com tática, manobra, e comando;

Alguns terminais SIRESP sofrem da mesma falta de manutenção de baterias...;

A distribuição de operadores de rádio no posto de comando era a típica de um cenário de operações de socorro e não de uma operação de proteção civil, se em teoria as duas viaturas (Bombeiros, e Proteção Civil) geririam uma o comando das operações de socorro e a da ANPC a operação de proteção civil, ambas se envolveram na gestão das operações de socorro alheando-se da gestão da operação de proteção civil. Inúmeras comunicações ficaram sem resposta via canais alternativos de banda alta que não estavam a ser monitorizados, ou cuja recessão era atenuada pela proximidade de frequências e antenas, sem que qualquer uma das viaturas dispusesse de filtros de rejeição, o que determina que uma emissão anule a recepção a todos os outros equipamentos convencionais e digitais em frequências próximas;

Como a operação não foi desde logo encarada como de proteção civil, não foram ativados a tempo os meios adequados, ou sequer o plano municipal de proteção civil em devido tempo, tendo tardiamente sido ativado o plano distrital, quando na realidade já deveria estar ativado o plano nacional que não chegou a ser ativado;

Entendendo que as autoridades e agentes de proteção civil não encaram a operação de proteção civil, alguns dos equipamentos fundamentais para contato local com a população não foram devidamente ativados, ninguém no posto de comando assumiu as comunicações com radioamadores e operadores da banda do cidadão, apesar de se saber que muitas localidades estavam privadas de comunicação, deixaram-se assim as populações à mercê da própria sorte como na idade da pedra, até que lá chegasse um mensageiro;

Os radioamadores que estiveram no terreno não foram monitorizados nem no posto de comando nem no SMPC, no primeiro porque ninguém se lembrou de ou sabe operar tais equipamentos e no segundo porque sequer dispõe de tais equipamentos e pessoal habilitado para operá-lo, o que determinou que, por exemplo, radioamadores em zona sem cobertura de estação móvel tivessem de solicitar a outro radioamador via repetidor VHF do Alto de Trevim que informassem de outra estrada tomada pelas chamas, que não fosse a intervenção de voluntários de proteção civil que avisaram os automobilistas, poderia ter sido uma segunda "estrada da morte", tendo o radioamador que recebeu as coordenadas transmitido a mensagem ao CDOS de Leiria via 117;

Havia na zona algumas habitações e viaturas com rádio CB, mas ninguém no posto de comando se preocupou em monitorar tal frequência;

Os radioamadores, rádio cidadãos e até radio operadores da banda livre PMR446 nunca deixaram de ter as comunicações expectáveis para os meios que usaram, mas os intervenientes nas operações de socorro não conseguiram com um sistema de milhões ter o que radioamadores e radioperadores tiveram com "tostões";

Exige-se alegadamente tantos requisitos aos operadores de telecomunicações da ENB/LBP que trabalham para a ANPC, mas nem sequer conhecimentos de radioamador se exige, pelo menos para saberem porque levantam a antena de HF da viatura de comunicações, aquela que por vezes até serve para ouvir a bola, mas não alguém a pedir socorro o a informar que vai socorrer; Embora regulamentado, algumas viaturas de combate a incêndios que estiveram no terreno não tinham instalado rádio de VHF banda-alta que possibilitasse servir como redundância;

A GNR dispõe de infraestruturas móveis de reserva em radiocomunicações que poderiam ter sido acionados para o local, nomeadamente para linkar SIRESP com banda Alta. Tanto um caminhão como um jipe dos GIPS, que não foram mobilizados. Este jipe está encostado e nunca foi usado, exceto em exposições de meios, carecendo de uma profunda revisão, mas o essencial para melhorar as comunicações neste caso está lá e estava operacional na última vez que foi visto;

O RSB de Lisboa tem algumas viaturas com rádios de HF que poderiam comunicar com o ICOM IC706MKII que está instalado no posto de comando, mas dos operacionais do RSB no terreno nenhum foi formado para operar aquele equipamento e no posto de comando ninguém sabe usar o rádio de HF.

Existia rede SIRESP no local e momento onde perdeu a vida um Bombeiro? Eu não sei, mas tenho curiosidade em saber!

Em suma as comunicações falharam por diversos motivos, técnicos e humanos, mas essencialmente porque as comunicações foram geridas por operadores de rádio, e não por especialistas em comunicações de emergência.

O que aconteceu ali com o SIRESP foi o mesmo que já havia acontecido nos incêndios na Ilha da Madeira há poucos anos, pelo que me questiono quantas pessoas afinal terão de morrer para que admitam de uma vez por todas que tal como está a única coisa que o SIRESP garante são vulnerabilidades potencialmente trágicas, pagas a preço de ouro!

Perguntem à Cruz Vermelha se tinha comunicações na sua rede própria, e quanto custou essa rede!

Porque foi desmantelada a rede 150 da GNR? Porque fizeram o mesmo com a rede de VHF banda baixa dos Bombeiros?

O SIRESP, tal como está, é uma rede celular com ligação por cabo de dados entre si, que em caso de incêndio é muito vulnerável.

Digo eu, que não percebo nada disto!

Texto original do autor:



João Paulo Saraiva – CT1EBZ

Fonte:

<http://joaosaraiva112.blogspot.com.br/2017/06/porque-falharam-as-comunicacoes-em.html?sref=fb>